



Comunicação urbana: experiência transeunte no Centro de Fortaleza¹

Tarcísio Bezerra MARTINS FILHO²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

RESUMO

Este trabalho visa explorar a experiência de transeuntes diante da pluralidade de práticas comunicativas encontradas no Centro de Fortaleza. A partir de dados coletados em explorações etnográficas entre os anos de 2011 e 2012 e tendo como ponto inicial uma das mais célebres argumentações do sociólogo Louis Wirth (1987) a respeito da comunicação urbana, observa-se que a cidade funciona como espaço criativo que constantemente interpela os sujeitos a produzir diferença. Esclarece-se que esta situação de comunicação da diferença caracteriza-se por seu aspecto contingencial. Ao final, pontua-se que a experiência transeunte ocorre diante da possibilidade criativa que o meio urbano propicia.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação urbana. Comunicação da diferença. Experiência transeunte. Sociabilidade. Centro de Fortaleza.

Introdução

Antes de começar este trabalho, uma imagem. Ela retrata a cidade de Fortaleza contemporaneamente: no último andar do prédio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), no Centro da capital cearense, é possível ver duas cidades. Uma delas, a oeste, é formada por construções pequenas que, lá do alto, colore a urbe com suas telhas de barro avermelhado. A leste, uma muralha de prédios demarca o início de uma outra região feita de concreto e colorida pelas cerâmicas das novas construções. O Centro, no meio, atua como uma ponte ligando as diferentes cidades. Ele é um lugar de passagem para aqueles que transpõem fortalezas instauradas. Se há, na cidade, um espaço que atue contra as segregações característica do meio urbano fortalezense, esse espaço é o Centro. Por um lado ele separa as duas cidades, ao mesmo tempo que, por outro, as une.

O Centro de Fortaleza foi, durante muitas décadas, o principal espaço de encontro da capital cearense. A urbanização moderna da região – moderna no sentido

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Pesquisa práticas comunicativas e produção de subjetividade no espaço urbano a partir de experiências transeuntes. Email: tarcisiobmf@gmail.com.



mais próximo à segunda metade do século XIX e ao começo do século XX – possibilitou espaços que visavam à “mistura urbana”, à “produção do coletivo” (CAIAFA, 2007): uma espécie de ponto de convergência atraindo contingentes de diversos bairros. Foi na região central que a cidade viveu sua *Belle Époque* entre 1860 e 1930, momento quando se registrou uma pujante cultura urbana moderna. Posteriormente, o bairro passou por mudanças significativas. Sua vizinha a leste, a Aldeota, produziu uma outra experiência urbana diferente daquela instaurada no Centro: um regime de cidade que se distanciava da cultura moderna tanto urbanisticamente quanto em formas de sociabilidade, atraindo, ao longo de algumas décadas, as elites e as classes médias altas que habitavam a região central.

Creemos que hoje a experiência da metrópole moderna – caracterizada pelo encontro de desconhecidos, pelo aparecimento das multidões, por um urbanismo voltado para a vida pública – é, em Fortaleza, uma exclusividade do Centro. Em outras regiões não há tão intensamente essa vivacidade que marca a região central. A Aldeota, a leste, talvez pudesse registrar uma experiência moderna de cidade. Mas, ali, se desenvolveu uma outra forma de cultura urbana enclausurada e privatizada, refém de espaços controlados.

É por tal que este trabalho aposta em uma *particularidade* do Centro de Fortaleza. Uma experiência excêntrica às demais formas de sociabilidade fortalezenses. O transeunte que anda pelas ruas e que se perde na multidão parece-nos quase extinto nessa urbe. O Centro, entretanto, mesmo para os insistentes visitantes da Aldeota e de seu entorno, precisa ser conquistado a pé: ao lado de outros transeuntes, de vendedores ambulantes, de prédios antigos, de praças e da típica algazarra que caracteriza o bairro.

Em dias comerciais ouvem-se gritos de produtos, promoções, o volume alto de amplificadores de som (que promovem tanto o comércio informal quanto o formal), pregações religiosas, artistas de rua, etc. Visualmente, cartazes, placas e anúncios compõem um cenário confuso que busca a atenção do passante. Panfletos são distribuídos e descartados no chão, abarrotado de sujeira. Pichações, estênceis, cartazes “lambe-lambe” podem causar surpresa ou mesmo indignação aos transeuntes. Paralelamente, o cheiro do milho verde, do mugunzá, do pastel de queijo, da batata frita (ou mesmo do lixo e do resto de comida) participam da experiência que é ser transeunte no Centro.

Este trabalho é fruto de parte das considerações apontadas pelo autor em sua dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de



Janeiro. A pesquisa ocorreu entre 2011 e 2012 e baseou-se em uma exploração etnográfica no Centro de Fortaleza. O autor buscou nas falas dos passantes e na observação participante dados que o ajudariam a tratar da pergunta que alicerça este artigo: seriam as comunicações urbanas “menores” e “elementares”, conforme argumentam os principais autores da sociologia urbana? E, caso contrário, conforme desconfiava, que forma de comunicação é essa? Como ela pode ser explorada?

Louis Wirth e a comunicação urbana

Louis Wirth (1973) foi um sociólogo cujas pesquisas foram desenvolvidas no contexto da Escola de Chicago. Foi sua geração que desenvolveu importantes questões acerca da cidade. Uma das quais diz respeito à produção de heterogeneidade no ambiente urbano. Segundo Wirth, a cidade pode ser definida como “um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1987, p. 96).

A heterogeneidade dos cidadãos, em Wirth, está diretamente associada ao número de habitantes e à densidade da cidade: “é de se esperar que a amplitude de diferenças cresça proporcionalmente à quantidade” (WIRTH, 1987, p. 98). Essa diversidade procede da divisão do trabalho e da especialização, mas também atraindo (ou “recrutando”, segundo as palavras do sociólogo) indivíduos de diversas regiões e contextos culturais diferentes.

A cidade tem sido, dessa forma, o cadinho das raças, dos povos e das culturas e o mais favorável campo de criação de novos híbridos biológicos e culturais. Ela não só tolerou como recompensou diferenças individuais. Reuniu povos dos confins da terra porque eles são diferentes e, por isso, úteis uns aos outros e não porque sejam homogêneos e de mesma mentalidade. (WIRTH, 1973, p. 98)

O efeito desse “cadinho” possibilitou novos arranjos subjetivos nas cidades. Wirth (1973) assinala que as relações sociais entre desconhecidos tendem a ser marcadas por uma indiferença. Segundo ele, “os contatos da cidade podem na verdade ser face a face, mas são, não obstante, impessoais, superficiais, transitórios e segmentários” (WIRTH, 1973, p. 101). Tal ocorre em todas as grandes concentrações de indivíduos de constituições diferentes, ressalta-nos, pois “essa tendência niveladora é inerente, em parte, à base econômica da cidade” (WIRTH, 1973, p. 105). Conforme sustenta, há um movimento na cidade que caracteriza o cosmopolitismo: há tanto uma intensa *liberdade* de trânsito que permite ao indivíduo o tráfego por regiões bem



distintas de seu contexto cultural quanto uma *autonomia* do passante, que se fecha em si. Para o autor, quanto maior a diferença entre eles, maior será o “fechamento” dos cidadãos em relação aos demais e ao meio.³

Quanto maior o número de pessoas num estado de interação umas com as outras, *tanto menor é o nível de comunicação e tanto maior é a tendência da comunicação preceder num nível elementar*, isto é, na base daquelas coisas que se supõem serem comuns ou de interesse de todos. (WIRTH, 1973, p. 111, grifo nosso)

A antropóloga Janice Caiafa (2007) avalia que, em Wirth, a produção de heterogeneidade do meio cidadão é tida como deletéria. É o que fica claro quando o sociólogo salienta que quanto maior a heterogeneidade, menor será a comunicação – ou pelo menos, mais elementar. Os dados de pesquisa que realizamos, contudo, apontam para uma outra direção.

O Centro aproxima-se, em certo grau, do espaço heterogêneo descrito pelo sociólogo. Contudo, percebemos que os dados de campo nos mostram o oposto do que argumentou o autor. Ao contrário de espaços de pouca comunicação, evidenciamos algo de extremamente comunicativo no *locus* estudado, uma zona fértil e criativa para a produção de diferenças. Apesar de Wirth pensar o indivíduo metropolitano como fechado, individualizado e, utilizando um termo de Simmel (1973), “*blasé*”, nós acreditamos que os passantes, no contexto do Centro de Fortaleza, *podem* (enfatizamos a possibilidade) constituir aberturas aos acontecimentos que estão a sua volta. É o que indicam a observação direta e as afirmações dos interlocutores, como tentaremos argumentar mais adiante.

Na cena teórica de Caiafa (2007), avaliamos que a antropóloga – tendo Gabriel Tarde (2005) como seu aliado – contesta os argumentos de Wirth sobre o empobrecimento da comunicação nos espaços urbanos. A autora entende que, em Tarde, as “conversações” têm como finalidade a “propagação da imitação”, que é “uma força microsocial que forma a opinião, que repercute os costumes, que enfim produz as

³ Em um de seus textos mais conhecidos, “A metrópole e a vida mental”, o sociólogo alemão Georg Simmel (1973), outro importante sociólogo clássico que influenciou os primeiros teóricos da Escola de Chicago, dentre os quais Wirth, afirma que a grande cidade criou condições psicológicas específicas que viriam a gerar um tipo particular de indivíduo, um “tipo metropolitano”. Este, por sua vez, difere completamente daquele presente na pequena cidade. Segundo o autor, a metrópole é responsável por uma grande quantidade de estímulos que, se fossem internalizados, levariam o sujeito a uma “impensável condição mental”. Para defender-se, o “tipo metropolitano” teve que desenvolver certa atitude *blasé*, isto é, um constante estado de reserva. A grande cidade, para Simmel, caracteriza-se, então, pela independência dos indivíduos que se preservam dos estímulos externos por meio de um rigoroso arranjo de barreiras psicológicas.



sociedades” (CAIAFA, 2007, p. 99). Ao abranger temas gerais e impessoais, ainda a partir da cena teórica da antropóloga, os cidadãos em conversações com desconhecidos experimentam o que entendemos como uma abertura ao outro. Nestas situações, não há uma restrição aos assuntos pessoais, familiares, mas uma atenção ao que é coletivo. Esta atenção é descrita por Tarde (2005, p. 77) como uma “atenção espontânea que os homens se prestam reciprocamente e pela qual se interpenetram com profundidade infinitamente maior do que em qualquer outra relação social”.

Tarde (2005) compara as conversações em cidades pequenas e grandes. Nos dois casos, os cidadãos falam sobre o que há em comum entre eles. Os habitantes de cidades grandes não se relacionam a partir de particularidades íntimas, daí a tendência das conversações ocorrerem em torno de “assuntos gerais”. Já os de pequenas localidades têm entre si uma mínima intimidade e, portanto, tratam-se por meio de uma comunicação que visa aos assuntos “particulares da vida e do caráter das outras pessoas de seu conhecimento” (TARDE, 2005, p. 79). Vejamos essa relação em nossos dados etnográficos.

A Praça do Ferreira, um dos pontos explorados no período de imersão no campo, é um local que possibilita muitas conversações. Viu-se que não há apenas um único grupo na praça, mas variados, alguns mais acessíveis a conversas com estranhos do que outros. Estes últimos, mais fechados, são os que chamamos coloquialmente de “panelinhas”. Nestes meios mais reclusos, é difícil conseguir uma entrada, pois eles são formados por amigos íntimos que se reúnem diariamente para “colocar os assuntos em dia”. “Eles vêm para ver os amigos”, esclareceu-nos Mézim, um de nossos interlocutores. Como grupos mais ou menos fechados, eles conversam entre si assuntos que lhes dizem respeito, da ordem de suas vidas particulares. Nas ocasiões em que eu, um estranho, pude conversar com esses senhores, o diálogo saía dos planos da comunicação entre amigos para seguir um outro tipo de construção.

É o que vemos acontecer, por exemplo, a partir de certas falas entre desconhecidos. Entre eles, as conversações tendiam sempre a “assuntos gerais” como o clima, os eventos, os bêbados no meio da praça, os artistas de rua, os pastores, etc. Os diálogos tiveram como estopim os acontecimentos de ordem pública⁴. Mesmo as reclamações a respeito do lixo ou da insegurança pareciam ter como função introduzir

⁴ No segundo capítulo da dissertação (MARTINS FILHO, 2013), dedicamos algumas páginas registrando como seu funcionamento: ora foi o pastor que possibilitava essas interações, ora foi a apresentação de dois cantores de rua que engendrou outra entre dois senhores. O bêbado que fazia sua apresentação no meio da praça e que, em determinado momento, fazia uma piada também nos serviu como exemplo.



uma conversação e não uma frustração em si. Nesses casos de interação entre desconhecidos, é preciso *construir* uma comunicação pouco a pouco.

Estranhos que se encontram por acaso construiriam suas declarações e sua réplicas de forma menos estereotipada, *como se tivessem que inventar um pouco mais já que não se conhecem*, ou já que aquela situação se armou ali naquele momento e não se encontra reforçada pelo uso, não é uma situação estável, garantida pelas “fórmulas da vida corrente”. (CAIAFA, 2007, p. 100, grifo nosso)

Conforme um de nossos interlocutores, Michel, apontou em fevereiro de 2012:

Toda hora acontece alguma coisa aqui. Ficando aqui parado, alguma coisa vai acontecer. É uma festa, uma passeata, um... Como é? Um evento. Alguma coisa... Toda hora! Você já chega aqui para alguma coisa.

Mas para os que ficam e já conhecem as dinâmicas do Centro, não há tanta novidade assim⁵. Mesmo o bêbado que fica a falar sozinho, para quem convive diariamente com essa figura peculiar da praça, “não é doido não. Ele é da gente”, conforme ouvido de um dos aposentados. Quanto mais se conhece o campo, mais foi-se aprendendo a entender as surpresas do Centro como ordinárias. Embora fosse possível que, mesmo já tendo algo “estabilizado”, a qualquer momento algum acontecimento estourasse como novo.

Por esse caráter criativo, o tom de novidade é sempre um terreno possível no Centro, especialmente em conversações entre desconhecidos. Quanto maior é a estranheza, afirma-nos Caiafa (2007), maiores são as possibilidades inventivas da comunicação. Na intenção de se comunicar com aquele que não lhe é familiar, o cidadão procura *alinhar-se* com o estranho, isto é, procurar identificações com esse outro. Entretanto, essa atividade também tende a revelar *desalinhamentos*, que são situações cujo sentido aproxima-se do “ruído” na forma como ele é entendido pelas tradicionais teorias da comunicação. É esse último efeito inesperado o capaz de surpreender criativamente os envolvidos.

Considerações: perder-se na cidade, o labirinto da comunicação urbana

Há uma poética no fortuito urbano que também faz uso desse tipo de comunicação da diferença. A vivacidade de pessoas, cores e lugares, justamente por seu caráter de extrema variação, apresenta-nos possibilidades criativas.

⁵ Seu Aragão, dono de uma das bancas de jornais da praça, comentou que “o canto que você senta, a gente aqui, que conhece, aí considera todo aquele pessoal do mesmo grupo”, exemplificando nosso argumento.



Nas grandes cidades cruzamos freqüentemente com estranhos cuja procedência ignoramos. E não é só a diversidade humana, mas toda sorte de estímulos em torno, todo o espaço natural e construído nas cidades tende a *constituir um ambiente de descontinuidades* que nos interpela e exige constantemente um gesto de nossa parte. É a *intensidade urbana*. (CAIAFA, 2007, p. 105, grifo nosso)

Pensemos nessa relação que se estabelece entre o passante e as “engrenagens urbanísticas e arquiteturas” (GUATTARI, 1992). Guattari (1992), em um ensaio intitulado “Espaço e Corporeidade”, explica-nos que a dobra do corpo sobre si mesmo é “acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários” (GUATTARI, 1992, p. 153). Ele ainda exemplifica essa relação a partir de um caso pessoal: quando andava por São Paulo, viu-se diante de uma ponte que intercedia uma rua por um nível mais alto. Diante de tal imagem, percebeu que algo da sua primeira infância lhe “falava do âmago dessa paisagem desolada, algo de ordem principalmente perceptiva” (GUATTARI, 1992, p. 154). Houve uma sobreposição das duas percepções, a antiga e a atual.

Esse exemplo nos mostra que percepções atuais do espaço podem ser “duplicadas” por percepções anteriores, sem que se possa falar de recalque ou de conflito entre representações pré-estabelecidas, já que a semiotização da recordação da infância fora acompanhada, aqui, pela criação *exnihilo* de uma impressão de caráter poético. [...] Enfatizemos que cada um desses componentes do eu, uma vez aparecendo, continua a existir paralelamente aos outros e é suscetível de subir à superfície, ao primeiro plano da subjetividade, de acordo com as circunstâncias. (GUATTARI, 1992, p. 155)

É neste sentido indicado por Guattari que a cidade interpela o passante. Massimo Canevacci (1993) também nos acrescenta algo semelhante:

Uma cidade se constitui também pelo conjunto de recordações que dela emergem assim que o nosso relacionamento com ela é estabelecido. O que faz com que a cidade se anime com as nossas recordações. E que ela seja também *agida* por nós, que não somos unicamente espectadores urbanos, mas sim também atores que continuamente dialogamos com os seus muros, com suas calçadas de mosaicos ondulados, com uma seringueira que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua, com uma perspectiva especial, um ângulo oblíquo, um romance que acabamos de ler. (CANEVACCI, 1993, p. 22, grifo do autor)

Aqui, mais uma vez, ressaltamos a importância de desconsiderarmos as esferas do sujeito e do objeto em prol do próprio encontro. A relação transeunte-cidade é antes da ordem de uma contaminação do que de um sujeito e um mero cenário. A cidade é igualmente produtora de uma subjetividade – mesmo que uma “subjetividade parcial”,



como afirma Guattari (1992) – que encontra o passante, interpela-o. O ato de caminhar na cidade pode, então, tal como nas conversações na Praça do Ferreira, trazer aquele senso de novidade, aquela inquietação que emerge e que traz à tona o próprio pensamento⁶.

Em “Rua de Mão Única”, Benjamin (1987) fala-nos que se perder em uma grande cidade é como se perder em uma floresta. Tal condição, a nosso ver, é a de um encontro com um lugar desconhecido e potencialmente perigoso, o que torna a ação de perder-se uma *aventura*. Explorando tal situação de risco, acreditamos que essa imagem abarca não só o passante perdido, mas também os demais. A experiência de qualquer transeunte já comporta em si uma aventura, já que, no meio urbano, não se sabe bem o que vem adiante. Há sempre a possibilidade de uma surpresa, de que algo diferente pode estar por vir. Assume-se a condição de um “animal à espreita”.

Priscila, dona de um pequeno estabelecimento na periferia de Fortaleza, faz compras uma vez por mês no Centro. Segundo ela:

Não é que seja ruim andar no Centro. Na realidade, não é nem bom nem ruim. Mas é que você tem que andar com muito cuidado. Se protegendo de tudo. Não é que eu me sinta com medo de andar no Centro. Mas é o Centro, né? Tem que andar com a bolsa na frente. *Tem que ficar atenta, olhar pra tudo.* (grifo nosso)

Camila, outra interlocutora, também nos indicou algo sobre essa atenção demasiada provocada pela intensidade que compõe o Centro: “É muita informação ao mesmo tempo. [...] você quer ir para casa correndo porque é tudo muito tumultuado”. Mesmo Rafaela, uma outra interlocutora cuja fala investigamos, que afirmou não gostar de ir ao Centro, também nos enfatiza essa intensidade urbana por meio de sua fala: “O Centro é muito exaustivo. É muita gente, muita coisa, muito barulho”.

A experiência transeunte no Centro faz o transeunte andar cauteloso, com atenção ao que vem. Ao mesmo tempo em que se reconhece as ruas e os prédios, a multidão e as inconstantes formas de apropriações do espaço público colocam o passante em uma situação sempre nova. É a incerteza de um labirinto.

Cada transeunte, assim, desafia sua solução para o Centro, como um fio de Ariadne. Sendo o campo tão heterogêneo, é possível que as soluções nunca sejam as

⁶ O pensar, em Deleuze (2010), diz respeito a um ato criativo. É uma forma de fugir da *doxa*, de deixar as zonas das constantes em que tudo já é previsível e familiar, para se aventurar nas zonas incertas do que não é conhecido. Pensar, assim, torna-se uma atividade laboriosa, potencialmente sofrível. Força-se o pensamento: “A lógica de um pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio” (DELEUZE, 2010: 110).



mesmas e que, a cada ida à região central, um novo fio seja desfeito. É desta forma que entendemos a natureza problemática do Centro: o novelo de lã que cada transeunte desfia é uma solução. O próprio trajeto é um fio de Ariadne. Como problema, o Centro nos exige uma resposta. Mesmo que ela sempre nos venha de forma diferente. Assim, há algo de puramente criativo no próprio problema, afinal, ele é potencialmente resolvido de muitas maneiras.

Por sua vivacidade, o Centro não cansa de buscar novas soluções. Ele não se satura em um fio, ele refaz o nó e exige-nos novas soluções. Porque parece que as paredes desse labirinto não são fixas, mas inconstantes. Se a urbanização moderna do Centro, com suas linhas ortogonais, procura ordenar o espaço de alguma maneira, torná-lo preso a um *grid* do Estado, as diversas ocupações do meio público, por outro lado, mostram uma desestruturação dessa ordem, uma abertura para outras formas de se estar na rua. A linha barroca das vias modernas torna-se incerta diante dos tapumes, dos vendedores ambulantes, da multidão, da propaganda, das placas de sinalização, dos gritos e dos cheiros que devolvem a experiência para a potência do fortuito, do imprevisível.

A *possibilidade* de criar novos arranjos subjetivos é o que principalmente caracteriza a experiência transeunte que estamos a abordar. Ela faz parte tanto dos que pouco andam no Centro quanto daqueles acostumados com a região. Afinal, no Centro, o fio de Ariadne não parece ser mais interessante que o labirinto em si.

Vilma, uma jovem *sketchbooker* – nome dado aos artesões de livros manuais (por vezes conhecidos como diários gráficos) – que conheci na Praça do Ferreira, acrescenta:

Aí, você não se sente no lugar... Porque são muitas coisas. Presta atenção, olha só essas coisas todas. Olha esses prédios, olha! Eu fico imaginando quantas vidas não têm aqui, não é? Tu imagina isso? [...] Eu gosto de vir pro Centro, porque eu fico pensando enquanto tou caminhando.

Arriscaríamos dizer que o Centro – mesmo com suas deficiências, que são muitas – é um lugar procurado por muitos fortalezenses. E não nos basta dizer que eles o fazem porque simplesmente “é o jeito”, como muitos de nossos interlocutores colocaram. Mas também porque o Centro potencialmente produz “algo diferente”. Foi o que Lúcia, uma moradora da periferia de Fortaleza, na ocasião de um passeio chamado “Percursos Urbanos”, apontou:



O Centro mostra algo diferente do bairro que eu moro. Tem as fachadas – escondidas pelos nomes das lojas. Tem os museus, os centros de cultura... Tem muita coisa para se fazer no Centro. E mesmo sem isso, é muito diferente você andar aqui pelo Centro e andar lá pelo bairro [onde ela mora]. Você vê mais o povo. *Aqui tem algo diferente.* (grifo nosso)

A região central atrai muitos fortalezenses por sua intensidade urbana. A despeito dos bairros nobres, parece que o Centro é o lugar onde os fortalezenses melhor experimentam a sensação de uma cidade grande.

Acreditamos que, ao contrário do pensamento de Wirth, em espaços destinados ao uso coletivo, estabelece-se uma intensa *atmosfera comunicacional* que se caracteriza antes pela produção de estranhamentos do que pelo reconhecimento das partes envolvidas. Neste sentido, a cidade parece-nos um terreno fértil para as questões da Comunicação enquanto disciplina. Fabrício Silveira (2009) constata que, em implicação mútua, a cidade e a comunicação “aparecem como boas zonas de problematização de temas urgentes em função de sua permanente e volumosa reconfiguração” (SILVEIRA, 2009, p. 5). Afinal, assim como a cidade, a comunicação urbana também experimenta uma permanente dinâmica de transformações.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas vol. II: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- MARTINS FILHO, Tarcísio Bezerra. *Espaço urbano e práticas comunicativas: experiência transeunte e polifonia das ruas no Centro de Fortaleza*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2013.
- SILVEIRA, Fabrício. *O parque dos objetos mortos: e outros ensaios de comunicação urbana*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.



WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.